

JORNAL DA

EDIÇÃO EXTRA

BAIXADA

Pobre, atrevido, independente



COMEÇOU A ECONOMIA DE GUERRA:
POLÍCIA OCUPA FÁBRICA.

NOSSO REPÓRTER ESPECIAL CONTA TUDO.
CHICO BÉ ESTAVA LÁ DENTRO
QUANDO A FÁBRICA PAROU.

ITALIANO NÃO CAPISCA NIENTE.

GREVE NA FIAT.

Operários do galpão Brasília da FIAT DIESEL, em Xerém, distrito de Caxias — montadores de motores e cabinas, operários da usinagem e do depósito — iniciavam a greve na manhã do dia 23 de julho.

A insatisfação dos operários da FIAT DIESEL estava chegando ao ponto de ebulição por causa das demissões em massa que vinham ocorrendo no último ano. Até o ano passado, a FIAT tinha cerca de 5.700 trabalhadores e agora só tem, aproximadamente, 3.900. Os demais foram despedidos. A situação criava um clima tenso dentro da fábrica. Outro ponto de atrito que vinha se arrastando era a questão do pagamento dos dias da greve dos motoristas de ônibus, quando muitos trabalhadores não puderam chegar à fábrica e tiveram o salário descontado.

Por outro lado, a campanha salarial dos trabalhadores da FIAT DIESEL estava em pleno desenvolvimento. Houve uma Assembléia no dia 22 de junho, quando foi eleita a Comissão de Salário encarregada de apresentar a minuta da proposta para ser levada aos patrões. No dia 29, em nova Assembléia, a proposta apresentada pela Comissão de Salários foi aprovada e decidiu-se entregá-la aos patrões no dia 4 de julho. O que foi feito.

A empresa pediu 16 dias para responder e marcou a primeira reunião de negociação para o dia 20. E nesse dia se encontraram pela primeira vez os representantes dos trabalhadores e a direção da fábrica, para discutir as propostas. Os patrões, porém, não quiseram discutir toda a minuta — 33 cláusulas — e apresentaram uma contra-proposta sobre apenas dois pontos. Primeiro, o índice do aumento, que era mostrado com um esquema muito confuso que jogava a solução final para junto do dissídio dos demais metalúrgicos. Segundo, o adiamento da data base do próximo dissídio para o dia 1º de outubro de 1979, de forma a coincidir com o de toda a categoria dos metalúrgicos do Rio de Janeiro.

"A proposta dos patrões era enrolada de propósito", disse um dos membros da Comissão de Salário. "Por isso eles só queriam discutir os outros pontos da minuta depois que a comissão respondesse à sua contra-proposta."

Para discutir este assunto a Comissão de Salário marcou uma reunião para a manhã do dia 23, prometendo à direção da empresa que na tarde daquele dia encaminharia uma resposta.

Na manhã do dia 23, segunda-feira, a Comissão de Salário estava reunida com a Delegação Sindical dos operários da fábrica, analisando a proposta dos patrões, quando chegou a notícia de que os trabalhadores do galpão Brasília estavam parados.

A Comissão de Salários foi até lá e se informou das razões da paralisação: os operários exigiam o fim das demissões em massa e o pagamento dos dias em que foram obrigados a faltar ao trabalho por causa da greve dos ônibus.

No mesmo dia a fábrica se comprometeu a fazer o pagamento: garantiu que ninguém mais seria demitido, "com exceção das demissões normais, de rotina em qualquer fábrica." O major Vítor Neto, Diretor de Relações Industriais da multinacional italiana prometeu não reprimir o movimento, "desde que não fosse danificado o patrimônio da empresa". Advertiu, porém, que não se pagaria "nem um tostão" pelas horas de paralisação.

Os representantes da empresa se recusaram a comparecer à reunião que estava marcada para aquele mesmo dia, adiando-a para quarta-feira, dia 25 de julho.

Na manhã de terça-feira, dia 24 de julho, operários do galpão Brasília percorreram as outras dependências da fábrica, convencendo os outros operários a aderirem à greve. Toda a fábrica de Xerém parou.

A Comissão de Salário, a Delegação Sindical e a Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos decidiram convocar uma assembléia geral dos operários da fábrica.

no Clube Piauí, clube dos operários, ao lado da fábrica, discutiu-se inicialmente a contra-proposta dos patrões. Depois de muita discussão sobre a manobra da empresa, a assembléia recusou, por unanimidade, os seus termos. O que os operários exigiam era a resposta ao conjunto da minuta e não uma contra-proposta capenga.

Outra discussão da assembléia foi a da continuidade da greve. Discutiu-se democraticamente o assunto. Mais da metade da assembléia decidiu voltar ao

Fiat func

Pisaram demais

trabalho no dia seguinte e esperar a resposta da empresa à proposta de acordo dos operários. Ficou claro também que a reivindicação dos operários incluiu mais dois pontos: fim das demissões e pagamento dos dias da greve dos motoristas.

No final da Assembléia começou a discussão provocada por um metalúrgico aposentado. Nervoso, ele protestou contra a greve feita espontaneamente nos dois últimos dias. O ambiente esquentou. Cadeiras foram jogadas no palanque.

A grande imprensa deu destaque, insinuando que houve briga entre os operários. Não é verdade. Os operários não brigaram entre si. Todos lamentaram a confusão que, felizmente, não abalou em nada a unidade dos trabalhadores.

Apesar da decisão da assembléia, os 200 operários do turno da noite se mantiveram parados sem que se registrassem maiores acidentes.

A Virada — Quarta, 25

Na manhã de quarta, os operários chegaram à fábrica dispostos a cumprir a decisão da assembléia e aguardar, trabalhando, a resposta da empresa. Mas, logo na entrada, às 7 horas da manhã, o inspetor de qualidade Luis Paulo Gianini, membro da Comissão de Salário, foi chamado ao Departamento de Pessoal. Estava demitido.

Alguns de seus companheiros de trabalho perceberam o fato e espalharam a notícia, como rastilho de pólvora. Quem já tinha trocado de roupa, ou ainda estava se preparando para começar o trabalho, voltou para engrossar as fileiras da massa de operários que vinha, desde o fundo da fábrica, caminhando em direção ao portão, ao lado do Serviço de Pessoal.

Todos os trabalhadores estavam presentes: exigiram que o Delegado Sindical, João Guerra, fosse tomar satisfações sobre o que estava acontecendo. A

multidão gritava, exigindo a presença do operário que estava dentro do Serviço de Pessoal.

O major Vítor Neto trouxe Gianini. Ali mesmo começou uma assembléia espontânea, com a presença de todos os trabalhadores da Fiat. Gianini comunicou que havia sido demitido.

Diante dos fatos, a Assembléia decidiu destituir alguns dos membros da Comissão de Salário, indicando outros para ocupar seus lugares.

A direção da Fiat, através do major Vítor Neto, começou a reagir violentamente. Chamou a polícia para dentro da fábrica. Os trabalhadores, que discutiam pacificamente seus problemas, protestaram:

"Não somos ladrões. Somos trabalhadores. Vão prender os ladrões. Nos deixem em paz", gritavam para os PMs que circulavam nas proximidades do portão, armados de metralhadoras, capacetes, escudos.

A assembléia decidiu, então, que a greve deveria continuar, revogando a decisão do dia anterior. E deixou bem claro que exigiria a reintegração de Luis Paulo Gianini como condição para a volta ao trabalho.

O major Vítor Neto deu uma de dono da casa: "Vocês estão parados. Ou voltam ao trabalho ou saem da fábrica. Aqui é que não podem ficar".

Os operários saíram. A fábrica ficou entregue à polícia e aos administradores indicados pela multinacional italiana. A mesma arrogância ficou evidente no período da tarde quando os diretores da Fiat sentaram à mesa de negociações, na sede da Junta de Conciliação e Julgamento de Caxias. Do outro lado, os representantes dos trabalhadores: Oswaldo Pimentel, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e membros da Comissão de Salário e da Delegacia Sindical. Luis Paulo Gianini participaria da reunião na condição de membro da Comissão de Salários.

Os representantes da Fiat não aceitaram a participação

de Gianini, recusando-se a negociar. Os representantes operários reagiram: não conversariam nada sem a presença do trabalhador demitido, escolhido em assembléia para participar da Comissão de Salário. Os representantes da Fiat cederam. Mas, na reunião, só prometeram dar uma resposta a todos os pontos da minuta apresentada pelos operários em nova reunião a ser convocada para o dia seguinte. Nada apresentaram de novo.

A Consolidação da Greve — Quinta, 26

O dia amanheceu com a estrada que vai da Rio-Petrópolis até a fábrica lotada de policiais. Na fábrica, o policiamento era ainda mais forte. Lembravam campo de batalha. Seria essa a economia de guerra que o Figueiredo andou falando?

Os piquetes na porta da fábrica permitiram a entrada apenas dos executivos da empresa. Logo depois do horário da entrada, todos foram para a assembléia. Só se voltaria ao trabalho quando fossem atendidas todas as reivindicações da minuta, e mais as que surgiram no decorrer do movimento: paralisação das demissões, readmissão de Gianini e o pagamento dos dias de greve.

A assembléia criou também uma Comissão de Fábrica para organizar os piquetes, providenciar faixas, organizar um fundo de greve e divulgar o movimento.

Enquanto isso, na Delegacia Regional do Trabalho, os representantes

liu.

CHICO BÉ



dos trabalhadores continuavam a discutir com os representantes da Fiat e do Ministério do Trabalho.

Os resultados dessas negociações foram magros. Os patrões não cederam nada quanto à proposta de reajuste salarial — o índice do aumento —, nem sobre o fim das demissões. Não aceitaram também reintegrar o operário Luis Paulo Gianini. Os italianos nem respondiam. Talvez não soubessem falar português.

Os representantes dos trabalhadores insistiam nas negociações, disposto a discutir cada contra-proposta apresentada pelos patrões sobre equiparação salarial, questão de insalubridade, alimentação — de péssima qualidade. Pediram que os direitos que viessem a ser adquiridos se estendessem também aos trabalhadores das empreiteiras que fazem serviços para a Fiat.

O comportamento dos diretores da Fiat pode ser bem compreendido por dois exemplos. Primeiro, a resposta ao pedido de que os trabalhadores das empreiteiras tivessem os mesmos direitos que os trabalhadores da própria Fiat. A Fiat respondeu que não tinha nada a ver com isso. Perguntou se os metalúrgicos eram agora advogados da construção civil. A argumentação dos trabalhadores foi clara. As empreiteiras não são mais do que uma forma da Fiat se livrar de encargos sociais de seus empregados e, principalmente, do pagamento da taxa de insalubridade. E acordos do mesmo tipo já tinham sido feitos antes, como era o caso da Verolme.

Segundo o índice salarial. Os patrões chegaram a aceitar a argumentação dos técnicos do DIEESE que

assessoravam os trabalhadores, mas disseram que não podiam pagar mais do que estavam propondo, muito abaixo de Cr\$ 6.114,00.

Tudo parado — Sexta, 27

A manhã da sexta-feira foi igual ao dia anterior. Policiamento, piquete e assembleia. Mais de 3.000 trabalhadores se reuniram no clube Piauí.

A assembleia ampliou a comissão de fábrica e ratificou a decisão anterior de só voltar ao trabalho quando fossem discutidos todos os pontos das reivindicações.

Na reunião de conciliação, à tarde, os patrões tentaram voltar atrás até mesmo de alguns pontos que haviam aceito antes. Não conseguiram. Discutiu-se também a questão da equiparação salarial e a dos transportes — as linhas de ônibus da fábrica que são insuficientes —, além da proposta de aumento salarial. Nenhuma solução. O impasse continua.

Mulheres se organizam — Sábado, 28

A Comissão de Fábrica se reuniu às duas da tarde na Delegacia do Sindicato em Caxias para organizar a continuidade do movimento.

Esposas de operários da Fiat também estiveram presentes. A comissão redigiu uma **Carta às Esposas** para ser distribuída às famílias dos grevistas. E ficou acertado um ato público de esclarecimento à população: de Duque de Caxias, no dia 31.

Faixas foram pintadas com as principais reivindicações dos operários, falando do apoio das esposas e da continuidade do movimento grevista. Também se organizou a distribuição do material de comunicação e incentivo ao movimento.

Quando a reunião terminou, um grupo de operários foi destacado para viajar até Volta Redonda para participar de uma assembleia de metalúrgicos de lá, levando informações sobre a greve e solicitando apoio. E foram vendidos

bonus para o fundo de greve.

Lavradores participam — Domingo, 29

Representantes dos operários da FIAT foram à reunião dos Lavradores de Xerém, na Jaqueira, prestar sua solidariedade à luta dos posseiros pela terra e solicitar apoio também à luta da fábrica.

A Greve continua — Segunda, 30

Às 7 horas da manhã, os operários já estavam na entrada da fábrica, com uma faixa aberta: "CONTINUAMOS EM GREVE". Eles se reuniram no Clube Piauí para mais uma sessão da Assembleia Permanente.

O advogado do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos do Rio de Janeiro apresentou a proposta que os patrões haviam feito na sexta-feira. A proposta foi reprovada pelo plenário.

À uma hora da tarde, prazo máximo de comparecimento para a última conciliação, a delegação dos operários já encontrou os representantes da Fiat conversando com o Delegado Regional do Trabalho. Um recado já estava pronto: os patrões só negociariam se houvesse alguma novidade.

Reunidos, os representantes dos operários chegaram a algumas conclusões. A principal era que o índice do aumento era uma reivindicação que só podia ser resolvida junto com outras. Mesmo que os patrões aceitassem pagar os 90% pedidos, os trabalhadores não arredavam o pé da revogação da demissão de Gianini, exigiam o fim das demissões na vigência de novo contrato coletivo e o atendimento da principal reivindicação dos trabalhadores estáveis: aumento de 15% por quinquênios.

Essa proposta foi encaminhada aos patrões. Eles responderam que só discutiriam um índice decidido pela assembleia, recusando-se a negociar com o Sindicato e com a Comissão de Salário. Os patrões sabiam que não haveria tempo para isso antes de terminar o prazo oficial de conciliação. O que os patrões queriam, e conseguiram, era que o Procurador Regional do Trabalho solicitasse ao Tribunal Regional do Trabalho a instalação do dissídio naquele mesmo dia. E deram entrada na petição depois do horário normal do expediente.

"Tentamos até o fim", disse um membro da Comissão de Fábrica. "Ficou claro que a intransigência foi dos patrões. Os operários nunca se negaram a negociar. Quem se negou durante todo o tempo foram os patrões."

A solidariedade — Terça, 31

Na manhã de terça-feira, quem passou pela rodovia Washington Luís enfrentou um denso nevoeiro que só clareava no sopé da serra, na entrada para a FIAT. Às 7 horas, os grevistas estavam lá, em bloco, formando um piquete de cerca de mil homens. Estavam ilos, na única entrada que dá acesso à fábrica.

Às 7 e meia, os operários se deslocaram para o Clube Piauí. Mais uma assembleia. Os policiais pareciam ter desistido de assistir a tal demonstração de ordem e unidade. As ruas estavam limpas. "Quem sabe tiveram medo de alguma represália por causa dos acontecimentos de ontem, em Belo Horizonte", comentou um operário.

Na assembleia, foi lido o noticiário do movimento dos operários da construção civil em Belo Horizonte e da morte de Oracilio Martins Gonçalves. A assembleia fez um minuto de silêncio.

Oswaldo Pimentel, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, empregado da FIAT-DIESEL, falou conclamando a todos a levarem unidos, o movimento até a vitória total. Foi solicitado que a assembleia ratificasse a proposta da Comissão de Salários para a negociação sobre o índice de aumento. Era a mesma proposta que na tarde anterior havia sido levada aos patrões. A quase unanimidade da assembleia decidiu que a Comissão não deveria aceitar nenhum centavo a menos.

A assembleia decidiu: "Não vai ser um mês a mais de feijão com farinha que vai fazer o operariado arrear o pé de seus direitos. Não é por medo de passar fome que a greve vai ser suspensa. Contamos com a colaboração do povo. Além disso, já estamos acostumados a passar fome praticamente o ano inteiro. Essa fome vem desde que os portugueses botaram o pé nessa terra".

Nova assembleia foi marcada. Mesma hora e lugar na quinta-feira, dia 2. Às 6 horas da tarde estava marcado um ato público pela greve no centro de Caxias.

OLHO VIVO



EDITORA

Jornal da Baixada
Uma publicação da Olho Vivo.
Editora. Rua Betkiss, 108 — fundos —
C. da Rocha — S.J. Meriti.
CGC: 30.607.519/0001-01
Tiragem: 5.000 exemplares
Editor: Alceu Nogueira da Gama
Diagramação: Caco Appel
Fotos: Agência "Repórter" e Foto Job
Composto e impresso na Editora Mory
Rua do Rezende, 65/67 — RJ.

Sindicatos e presos políticos

apoiam grevistas.

Os operários da Fiat estão recebendo o apoio de vários sindicatos e entidades. Representantes dos professores, dos bancários, dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, de Volta Redonda e Duque de Caxias disseram presente em várias assembleias. A "Carta à População", em que os operários da FIAT explicam as razões da greve foi lida em 37 paróquias de Novalguaçu. Presos políticos da Frei Caneca, em greve de fome, também enviaram uma carta onde diziam: "Vocês, os trabalhadores da FIAT, são obrigados a recorrer à greve contra os patrões pelas suas justas reivindicações: aumento de 90% para poderem viver dignamente, pagamento da taxa de insalubridade, readmis-

são de todos os companheiros demitidos.

Nós, os presos políticos do Rio de Janeiro, somos obrigados a recorrer à greve de fome contra um projeto de anistia restrito, parcial e injusto".



Mulheres dos operários entram na briga.

Nós, mulheres de companheiros da FIAT, que sempre sentimos os problemas na pele do salário miserável, das péssimas condições de vida dos bairros operários (valas sujas, condução precária, falta de escola, assaltos cotidianos, ausência de creches, inexistência de assistência médica, etc...),

achamos hoje de máxima importância o apoio à luta, que nossos companheiros travam neste momento, por melhores condições de sobrevivência para a classe operária.

A continuidade da greve significa o combate à vida miserável que levamos.

Neste momento os patrões tentam dividir a classe, usam a repressão policial, espalham boatos de que os operários voltaram ao trabalho, demitem companheiros, instauram o medo nos familiares, usam a Delegacia Regional do Trabalho para nos amedrontar, etc.

Por esse motivos é importante sabermos que a luta continua. A greve permanece. Contamos com o apoio da população, Movimento de Amigos de Bairro, Comitê Brasileiro Anistia de Caixas, Comissão de Salário, bancários. Estamos vendendo bonus para arrecadar dinheiro comprar os alimentos de nossas famílias.

Faz-se necessário a nossa união, mulheres, nesta luta, participando das assembleias com os companheiros.

Enquanto o pão aumenta 120%, os patrões se negam a dar 90% de aumento.

Pimentel acusa: eram condições impossíveis de suportar.

JOB — Qual a avaliação que você faz da greve da FIAT?

PIMENTEL: A greve da FIAT está cem por cento ótima. Ela está demonstrando que a opressão de 15 anos de arbítrio criaram condições impossíveis de suportar.

JOB — Qual a repercussão que o movimento tem no conjunto da categoria dos

metalúrgicos do Rio de Janeiro, já que vocês estão começando a campanha salarial?

Pimentel: Esse movimento na Fiat tem sido de enorme importância. Representa um fortalecimento para o movimento que vai se iniciar na área do Rio de Janeiro. A categoria já se encontra bastante mobilizada e disposta de fato a atingir seus objetivos.

Salário pouco, comida ruim, ambiente péssimo: é a poderosa Fiat.

Na "Carta à População", explicando porque entraram em greve, os operários da Fiat denunciaram:

"A FIAT é, das indústrias automobilísticas, a que paga salários mais baixos. Não temos garantia no emprego. A FIAT demite quando, como e a quem lhe interessar. A demissão é mais uma arma dos patrões contra os trabalhadores. No entanto, apesar disso, mantemos a nossa firmeza e disposição de luta. Reivindicamos agora a estabilidade para as nossas delegações e comissões.

A comida na fábrica é péssima. Muitas vezes nos são servidos alimentos podres. Não nos é garantido o mínimo necessário para mantermos nossas energias para enfrentarmos o trabalho estafante.

Reivindicamos melhor alimentação e leite como complemento para todos.

Trabalhamos sob um barulho constante e de intensidade superior ao limite permitido por lei e não recebemos taxa de insalubridade.

Trabalhamos aspirando fumaça e gases tóxicos, óleo e querosene e não recebemos insalubridade.

Trabalhamos sob tem-

peraturas superiores a 40°C e não recebemos insalubridade. Isto é "privilégio" só de alguns escolhidos pela empresa.

Reivindicamos adicional de insalubridade e prêmios de periculosidade. Não é uma exigência a mais, é uma questão de direito.

Isso só interessa aos patrões que assim aumentam os seus lucros através de pagamentos de salários mais baixos, além de incentivar a competição entre os operários.

Reivindicamos equiparação salarial. Função igual, salário igual.

Trabalhamos em funções iguais e recebemos salários diferentes. Isso só interessa aos patrões que assim aumentam os seus lucros através de pagamentos de salários mais baixos, além de incentivar a competição entre os operários.

Como todos os trabalhadores somos submetidos ao arrocho salarial e obrigados a fazer horas extras que enriquecem os patrões e permitem a demissão de companheiros. Reivindicamos o piso salarial de 6.114,00 e o aumento de 90%, o que ainda é muito pouco para compensar o trabalho que fazemos."

O que os operários exigem.

Piso salarial de Cr\$ 6.114,00.

Aumento de 90%, sem desconto,

Prêmios de periculosidade,

Adicional de insalubridade,

Equiparação salarial,

Fim das demissões

O que a Fiat responde.

Piso salarial de Cr\$ 2.268,00

Aumento: Índice do governo.

Lavradores dão comida para o fundo de greve.

Duzentos lavradores, posseiros das terras que antes eram da Fábrica Nacional de Motores, hoje Fiat, em Xerém, estão apoiando a greve dos operários e contribuindo para o fundo de greve com produtos de suas lavouras.

Eles também estão em luta

pela posse de suas terras. O Ministério da Fazenda, através do Instituto Nacional de Poses e Medidas, está ameaçando despejar os posseiros que há mais de 20 anos vivem ali, cultivando as terras. Domingo, dia 29, eles se reuniram em

Jaqueira, atrás da Fábrica Fiat, e formaram uma comissão para encaminhar a luta pela posse da terra. Representantes dos operários da FIAT estiveram presentes, oferecendo solidariedade aos lavradores e pedindo apoio à greve.